

KANT E OS ‘SONHOS DE UM VISIONÁRIO’: UM ESCRITO PRÉ-CRÍTICO DE CUNHO CRÍTICO?

Marcio Tadeu Girotti*

Resumo: Nossa proposta é apresentar argumentos que enfatizem a possibilidade do escrito kantiano “Sonhos de um visionário explicados por sonhos da metafísica” (1766) ser considerado como um possível escrito de virada crítica ou uma obra que contém elementos que supostamente conduziram Kant ao criticismo presente na *Dissertação de 1770* e na *Crítica da razão pura*. A década de 1760 do período pré-crítico da filosofia kantiana é considerada como antidogmática ou mesmo um período de crítica ao racionalismo dogmático, em que Kant promove uma crítica à Escola Leibniz-wolffiana e busca fundamentar a metafísica como a ciência dos limites da razão. Podemos citar alguns dos elementos que permitem caracterizar a obra como contendo conteúdo de cunho crítico: espaço e tempo como formas para abarcar objetos sensíveis; a ilusão e confusão do entendimento em abarcar seres que estão fora do campo sensível; e este como garantia da validade objetiva dos conceitos racionais.

Palavras-chave: Criticismo. Racionalismo dogmático. Sonhos de um visionário.

Abstract: Our proposal is show arguments that emphasize the possibility of Kantian written “Dream of a visionary explained by dreams of metaphysics” (1766) be considered as a possible written of critical turn or a book that contains elements that allegedly led Kant to criticism present in the *Dissertation of 1770* and in the *Critique of pure reason*. The decade of 1760 of pre-critic period of kantian philosophy is regarded as antidogmatic or even a period of criticism of the dogmatic rationalism, where Kant promotes a critique to Leibniz-wolffianian school and search to establish the metaphysics as the science of the limits of reason. We can cite some of the factors which allow us to characterize the work as containing a content of critical cachet: space and time as ways to cover sensitive objects, the illusion and confusion of understanding in embracing beings who are outside the sensitive field, and it aims to guarantee the objective validity of rational concepts.

Key-words: Criticism. Dogmatic rationalism. Dreams of a visionary.

Introdução

Para pensar os *Sonhos de um visionário* como um escrito de cunho crítico, é preciso perguntar sobre quais seriam os aspectos que poderiam caracterizar tal obra como contendo elementos críticos. Nesse sentido, serão abordadas, em primeiro lugar, as opiniões acerca dos

* Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista – campus Marília/SP. Bolsista CAPES. E-mail: girotti_mtg@hotmail.com.

argumentos encontrados nos *Sonhos* considerados como críticos; em segundo lugar, será esboçada uma contextualização acerca da obra com o intuito de apontar quais seriam os elementos que consideramos como críticos; por fim, será engendrado um terceiro momento, que tratará da possibilidade de configurar os *Sonhos* como um escrito que, ao mesmo tempo, fecha o período pré-crítico e abre as portas para o criticismo.

Com respeito à pergunta (sobre quais seriam os elementos críticos) é possível indicar alguns aspectos: comumente se diz que a filosofia crítica de Kant pode ser configurada como “filosofia transcendental”; concordando com isso, o problema estaria na “dedução transcendental das categorias do entendimento” (já enunciada na Carta a Marcus Herz em fevereiro de 1772). Em outro sentido, a filosofia kantiana enunciada na *Dissertação de 1770* aponta a “virada crítica”, em outras palavras, a obra apresenta o espaço e tempo como ideais e subjetivos: são estruturas *a priori* pertencentes ao sujeito cognitivo¹ (que conhece). Nesse sentido, os elementos críticos que acreditamos configurar os argumentos engendrados na “Crítica da razão pura” e mesmo na *Dissertação de 1770*, concernem ao espaço e tempo como meios para a intuição sensível dos objetos da experiência. Além disso, as ilusões dos ‘visionários’ apresentadas nos *Sonhos* apontam para aquilo que será abordado na “Dialética Transcendental” da *Crítica*. No primeiro, as quimeras são abarcadas por meio do espaço e tempo que devem abarcar somente objetos sensíveis (são formas puras da intuição sensível); na segunda, a Faculdade do Entendimento busca, de modo natural, ampliar seu conhecimento para além da experiência possível, fazendo isso por meio das categorias que são aplicadas a fenômenos (aquilo que aparece), transportando-as para objetos que transcendem seu uso empírico – temos a ilusão do entendimento.

Com a abordagem acima, obtêm-se dois elementos que são enunciados como críticos: a caracterização do espaço e tempo como estruturas que só podem ser aplicadas ao sensível; e, os limites do conhecimento humano que não pode transpor a barreira da experiência, ao menos, pode-se pressupor a existência de objetos (ou conceitos) transcendentais como: Deus, alma e liberdade. Assim, abordaremos os *Sonhos de um visionário* considerando dois temas: os limites do conhecimento humano e o espaço e tempo como estruturas que são responsáveis pela intuição dos objetos sensíveis. Abordaremos esses dois pontos como elementos de cunho

¹ Isso não quer dizer que a caracterização de espaço e tempo como ideais e subjetivos não se configuram dentro do contexto da ‘filosofia transcendental’. Fazemos aqui a perspectiva de interpretação em promover ‘pontos de vistas’: observar a *Carta a Marcus Herz de 1772* como marco da ‘virada crítica’ por conter o anúncio da necessidade de promover a “dedução transcendental das categorias” e a *Dissertação de 1770* por promover a distinção de dois mundos e a configuração do espaço e tempo como formas puras da sensibilidade.

crítico, uma vez que ambos aparecem na *Dissertação de 1770* e na *Crítica* de 1781, o que nos conduz à interpretação dos *Sonhos* como escrito de cunho crítico.

As opiniões acerca dos ‘Sonhos’ como escrito de cunho crítico

Gostaria de começar com os apontamentos de Jaume Casals Pons que aproxima o *Ensaio para introduzir a noção de grandezas negativas em filosofia* (1763) com os *Sonhos*, afirmando que ambos guardam o conteúdo que posteriormente será estabelecido e melhor trabalhado na *Crítica* de 1781. Começo com Pons por acreditar em duas afirmações: primeiro, ele acredita que os *Sonhos* estabelecem os limites da razão em direção à crítica ao idealismo; segundo, “La Dialèctica Transcendental no és sino una ampliació fonamentada del *Sommis d’un visionari*” (1982, p. 44, grifo do autor).

Segundo Pons, a atitude de Kant nos *Sonhos* culmina nas obras críticas, pois ali ele mistura a metafísica com as fantasias de *Schwedenberg* demonstrando pouco a pouco os limites da razão promovendo a crítica ao idealismo. Nesse sentido, Kant postula que todo o conhecimento deve possuir validade na experiência, ou melhor, todo conceito deve possuir uma correspondência sensível. Assim, Kant parece justificar o trabalho daqueles que falam do conceito de espírito (ser imaterial) e provam sua existência por meio de inferências lógicas sem medo de refutação, pois, toda a explicação é dada racionalmente sem fundamento algum, e com a credulidade dada aos visionários fica fácil acreditar na existência de um ser imaterial.

Ainda considerando as argumentações de Pons, constata-se que Kant, ao tratar do conceito de espírito, deduz a necessidade da existência do mundo dos espíritos mostrando que isso é patente à medida que os racionalistas utilizam a alma humana para configurar a relação entre o mundo material com o mundo imaterial, promovendo uma visão una da mesma coisa. Ou seja, o homem abarca o mundo visível e o invisível, pois atribui a infinitude a Deus que supostamente reside no mundo imaterial (dos espíritos) ao mesmo tempo em que abarca o mundo real, mas o problema reside no modo pelo qual podem abarcar o invisível, isto é, aquilo que ultrapassa o campo da experiência e também os próprios limites do conhecimento humano.

Com efeito, pode-se constatar que a experiência², dentro do universo kantiano, é o

2 A experiência deve ser entendida no contexto da modernidade pré-crítica da filosofia kantiana, uma vez que nesse período (antes de 1770) espaço e tempo ainda não eram estruturas da sensibilidade, que no criticismo

meio que concebe validade objetiva a todo o conceito criado e a todo o objeto possível de ser conhecido. Em suma, a argumentação dos *Sonhos* consiste em afirmar que os visionários utilizam as propriedades espaço-temporal para abarcar seres imateriais, sendo que os racionalistas utilizam os mesmos critérios para confirmar a existência de seres que transcendem o mundo material.

Um outro ponto de vista interessante, que não se distancia muito desse último, é a interpretação de Franco Lombardi acerca da posição kantiana no escrito de 1766. Ele considera tal obra como a mais importante do período pré-crítico, que possivelmente fecha o pensamento desse período e inaugura o percurso crítico conjugando o ensaio “Acerca do primeiro fundamento da diferença das regiões do espaço” (1768) e a “Dissertação de 1770” desembocando na “Crítica da razão pura”³.

Além disso, parece fundamental a afirmação de Lombardi acerca da aproximação da obra de 1766 à *Crítica* e também à *Dissertação de 1770* no que diz respeito ao espaço e tempo. Em sua obra, ele aponta que o tratamento dado por Kant em relação ao ser material e imaterial, no contexto dos *Sonhos* no que concerne ao conceito de espírito, traz um dos problemas que se ocuparão as duas obras citadas acima: o espaço e o tempo. Nos *Sonhos* esse problema diz respeito à condição daquilo que se pode efetivamente conhecer em contraponto àquilo que se pode somente pensar; ou seja, isso conduz ao período crítico e à “Analítica Transcendental”, bem como à “Estética Transcendental” da *Crítica*, ou mesmo, à “Dialética Transcendental” e os limites da razão. Desse modo, tem-se que algo pode ser possível de ser pensado, mas não abarcado, isto é, não é dado na experiência (espaço) e sim dado como um conceito racional com possibilidade de ser real – como o espírito.

Pode-se perceber, tanto em Pons quanto em Lombardi, que o conteúdo dos *Sonhos* aponta para um contexto crítico e também para uma caracterização da obra como crítica, ou de passagem entre um período e outro, que parece ser reforçada a cada argumento. Nesse sentido, esboçado essas duas interpretações passo aos argumentos de David-Ménard que traz, entre outras coisas, uma passagem que corrobora o objetivo aqui pretendido.

David-Ménard considera que os *Sonhos* é a principal obra para compreender o trabalho crítico de Kant, uma vez que ela acredita no debate entre Kant e Schwedenberg

fazem o papel de validar conceitos racionais como os da matemática.

³ Nas palavras de Franco Lombardi “I Sogni di un visionario chiariti com i sogni della metafisica sono certamente il più importante scritto di questo periodo e conchiudono nello stesso tempo l’intero periodo che siamo fin qui venuti esaminando”. (1946, p. 290).

(pensamento louco) como o ponto essencial para o desenvolvimento da *Crítica*. Vale lembrar que sua obra está dentro do viés psicanalítico, porém, seus argumentos são caros à compreensão da obra de 1766 como o ponto da crítica à metafísica tradicional.

Os *Sonhos de um vidente [visionário] de espíritos* são o livro que inaugura, se não na maioria, pelo menos diversos temas essenciais da filosofia crítica e transcendental: a própria idéia da filosofia crítica como ciência dos limites da razão; a idéia da separação entre o sensível e o supra-sensível; o conceito novo de modalidade e, em particular, o conceito do que não é impossível sem nem por isso ser possível; a teoria negativa do transcendente; enfim, o método cético que permitirá construir uma dialética da razão. (DAVID-MÉNARD, 1996, p. 98, grifo da autora).

Parece evidente que David-Ménard considera a obra em questão como aquela que definitivamente abre as portas para o contexto crítico, refletindo acerca do encontro de Kant com Swedenborg que, segundo a autora, teria proporcionado a possibilidade de se pensar as relações entre o pensamento e a existência de tudo aquilo que se pode conhecer.

Em outra passagem da obra, a autora aponta para a relação entre o delírio e o próprio entendimento, mostrando que o idealismo metafísico e as alucinações de Swedenborg possuem uma estrita aproximação. Assim, quando se considera que os doentes (loucos) em certa medida devem ser curados, poderia ser dito que os idealistas também deveriam passar pelo mesmo processo. Desse modo, do encontro com o visionário Swedenborg à crítica da razão dogmática, Kant começa a elaborar já nos *Sonhos* a temática que irá desenvolver na *Crítica*. É possível perceber que essa afirmação parece recorrente entre alguns pensadores como é o caso de Pons, Lombardi, David-Ménard, Philonenko e Torretti que veremos em seguida⁴.

Para endossar o argumento acima cito mais uma passagem da obra “A loucura na razão pura” a fim de estabelecer a mais estreita aproximação dos *Sonhos* com o período crítico:

[...] o pensamento louco de Swedenborg, que inaugura a problemática crítica do limite [...] encena um questionamento da metafísica por um delírio e conclui, dessa experiência, a necessidade de reformar a filosofia

4 Em uma passagem da obra de Ernst Cassirer – Kant vida y doctrina – encontramos uma posição muito próxima dos autores que aqui citamos, passagem esta que endossa a tese que aponta os *Sonhos* como um possível escrito crítico e que encerra o período pré-crítico: “Cuando la gente esperaba [após 1763] y exigía de él proyecto de una nueva, más concienzuda y más solida metafísica, un estudio analítico abstrato de sus premisas y un sereno examen teórico de sus resultados generales, nuestro filósofo sacaba de las prensas una obra [Sonhos de um visionário] que ya por su forma literaria y su ropaje estilístico echava por tierra todas las tradiciones de la literatura filosófico-científica. (1948, p. 98).

em uma filosofia crítica. (DAVID-MÉNARD, 1996, p. 159).

De acordo com a citação, o questionamento da metafísica por parte de Kant se deu juntamente com a tentativa de compreender a obra maior de Schwedenberg a *Arcana Celestia*, obra que trata da correspondência entre o mundo espiritual e o mundo real, entre a alma e o mundo dos espíritos, tendo nas histórias fantasiosas do autor o testemunho de sua própria tese: a possibilidade de transpor aquilo que se localiza no mundo do supra-sensível para o mundo da sensibilidade com a utilização das estruturas espaço-temporal (até aqui não entendidas como *formas puras da intuição sensível*).

Ainda dentro do conteúdo da passagem citada acima, deve-se compreender que o encontro com o visionário sueco (Schwedenberg) proporciona a Kant o pensamento acerca dos limites do conhecimento humano, os limites da razão, o que parece ser o pano de fundo dos *Sonhos*.

Para finalizar este capítulo, gostaria de apontar as opiniões de Philonenko e Torretti acerca do tema em questão: os *Sonhos* como escrito de cunho crítico ou de passagem entre os dois períodos pré e crítico.

Uma atenção toda especial deve ser lançada aos Träume, aos Sonhos, que constituem de algum modo a conclusão do período pré-crítico e anuncia a passagem ao criticismo [...] mas não é preciso ali enganar-se: Kant, ao mesmo tempo que se diverte com os sonhos de Swedenborg, empreende a crítica fundamental da metafísica racionalista⁵. (PHILONENKO, 1983, p. 50-51, tradução nossa).

Deve-se ressaltar que a posição de Philonenko em relação aos *Sonhos* é a caracterização do escrito como o primeiro passo para o criticismo e a confirmação de uma crítica ao racionalismo (1983, p. 55 ss). Na citação acima, Philonenko articula os *Sonhos* como a obra que fecha o período pré-crítico, e configura a mesma como passagem para o criticismo. Com a obra de 1766, segundo o autor, Kant pretende estabelecer os limites da razão e elevar a metafísica ao estatuto de ciência que limita o uso da razão e concilia esta à experiência; ou seja, o labor do conhecimento e sua verdade devem ter como respaldo a base empírica que confirma a possibilidade de se conhecer aquilo que se quer conhecer.

⁵ Une attention toute spéciale doit être accordée aux Träume, aux Reves, qui constituent en quelque sorte la conclusion de la période pré-critique et annoncent le passage au criticisme [...] Mais il ne faut pas s'y tromper: Kant, en même temps qu'il s'amuse avec les rêveries de Swedenborg, entreprend la critique fondamentale de la métaphysique rationaliste.

Dentro da mesma perspectiva, Roberto Torretti afirma que o conteúdo dos *Sonhos* diz respeito aos limites da razão e isso poderia configurar tal obra como um texto de virada crítica, uma vez que antecipa os argumentos da *Crítica* na pretensão de estabelecer a metafísica como ciência dos limites da razão. Ele considera que em 1766 Kant percebe a necessidade de uma investigação a qual estabeleça a seguridade que a metafísica necessita. Ademais, Torretti argumenta que na “Dissertação de 1770” Kant afirma o que antes esboçou nos *Sonhos de um visionário*: o estabelecimento dos limites do conhecimento humano, o não contágio do sensível com inteligível e a impossibilidade de estender o conhecimento para além da sensibilidade. Mas Kant, segundo o autor, postula a possibilidade de, ao menos, “conhecer cientificamente o supra-sensível” como símbolo, visto que o sujeito possui intuição sensível e não intelectual, ou seja, só pode conhecer os objetos que repousam sobre a sensibilidade tanto empírica quanto pura (*a priori*), que possibilita e fundamenta a empírica (1980, p. 261).

Segundo Torretti, os *Sonhos* seria o escrito que encerra o período pré-crítico à medida que a “Dissertação de 1770” une e separa os dois períodos, servindo como obra de ligação entre a *Crítica da razão pura* e os textos da juventude kantiana.

[...] o período pré-crítico, em que Kant teria aderido à metafísica dogmática tradicional e que termina com o radicalismo dessa metafísica posto em questão nos *Sonhos de um visionário* (1766), e o período crítico, cujo primeiro testemunho público é a *Crítica da Razão Pura* (1781). Entre ambas etapas se encontraria como um acontecimento, que de vez as une e as separa, a dissertação inaugural Sobre a forma e os princípios do mundo sensível e do mundo inteligível (1770), publicada por Kant ao assumir a cátedra de lógica e metafísica na Universidade de Königsberg⁶. (TORRETTI, 1980, p. 40, grifo do autor).

Análise da obra “Sonhos de um visionário”: apontamentos

Ao iniciar os *Sonhos*, Kant esboça em um “Relatório Preliminar” alguns pontos fundamentais para a compreensão do que ele pretende. Logo de início, ele aponta quatro

6 [...] el período precrítico, en que Kant habría adherido a la metafísica dogmática tradicional y que termina con la radical puesta en cuestión de esa metafísica en los Sueños de un visionario (1766), y el período crítico, cuyo primer testimonio público es la Crítica de la razón pura (1781). Entre ambas etapas se encontraría como un jalón que a la vez las une y las separa, la disertación inaugural Sobre la forma y los principios del mundo sensible y el mundo inteligible (1770), publicada por Kant al asumir la cátedra de lógica y metafísica en la Universidad de Königsberg.

questões que serão articuladas ao longo do escrito: por que histórias inúteis possuem tanta credibilidade sem ao menos serem contestadas? Há algum filósofo que nunca transformou fantasias e figuras pensadas racionalmente em coisas existentes e com convicção? Como refutar as manifestações de espíritos, se muitos alegam que ele existe, mas mesmo assim ninguém nunca os viu ou talvez se viu não sabem dar testemunho que convença? Agora, deve o filósofo acreditar nisso tudo?

Diante dessas questões é possível traçar o conteúdo da obra: Kant parte da definição do conceito de espírito para buscar a articulação entre o possível mundo dos espíritos e o mundo real, apontando seus argumentos em direção aos racionalistas que provam suas teses fora do campo sensível e por meio de inferências lógicas, não demonstrando ou não mostrando a prova que possa determinar a verdade de tudo o que eles dizem. Depois, desembocará na passagem do mundo inteligível para o mundo sensível, com o intuito de promover os limites do conhecimento racional, tomando como base para a sua argumentação as histórias fantasiosas de Swedenborg – o vidente de espíritos – que acredita transpor o que vê no invisível para o real que ele acredita estar vivendo.

Acreditar ou não em histórias que possuem credibilidade ou mesmo acreditar em manifestações metafísicas, conduz os indivíduos ao ponto de acreditar em tudo e ao mesmo tempo em nada. Nesse sentido, Kant ressalta que é um preconceito não acreditar em nada que possa parecer verdade, mas também é um preconceito acreditar em tudo sem prova alguma (2005, p. 144). Nesse âmbito, Kant inicia sua obra dividindo a investigação em duas partes: uma dogmática, onde encontram-se os argumentos que concernem ao conceito de espírito; e outra histórica, onde encontram-se as histórias de Swedenborg e a aproximação dele com a metafísica dogmática. Aqui, tomaremos os *Sonhos* como um todo, uma vez que Kant repete alguns argumentos que antes tratou na primeira parte; assim é possível destacar os pontos levantados para contextualizar a obra com a possibilidade de ser tratada como contendo elementos de cunho crítico.

Schwedenberg e a metafísica

Nos *Sonhos*, as fantasias criadas por Swedenborg e as provas metafísicas são aproximadas; por um lado, tem-se a credibilidade das histórias dos visionários; por outro lado,

tem-se as provas dos racionalistas que são aceitas sem uma comprovação concreta, já que de tanto falar de determinados conceitos, como espírito, acredita-se que ele existe sem ao menos conhecê-lo efetivamente.

Nesse sentido, Kant aponta na direção da ignorância daqueles que não percebem o quanto é contestável as histórias dos visionários, bem como as provas metafísicas:

[...] hipóteses metafísicas possuem nelas mesmas uma flexibilidade tão incomum que se deveria ser muito inábil para não acomodar as atuais a uma história qualquer, até mesmo antes de ter investigado sua veracidade, o que em muitos casos é impossível e, em mais ainda, descortês. (KANT, 2005, p. 175).

Pode parecer estranho, mas Kant ressalta que as constatações dos metafísicos e as histórias que possuem sua credibilidade estão muito próximas, uma vez que seria ignóbil aquele que não percebe o quão óbvio é essa aproximação, considerando ambos os lados que possuem ou não a certeza da verificação.

No mesmo sentido, virando a página, Kant aponta para a necessidade de uma fundamentação da metafísica ou mesmo uma crítica à razão a fim de estabelecer a metafísica como a ciência dos limites da razão; ou ainda obter a clareza e certeza das ciências como a matemática. Seguindo esse contexto, ele se dirige aos racionalistas, em especial Wolff e Crusius e constata a necessidade de despertá-los do sono dogmático:

Pois, quando eles alguma vez, queira Deus, estiverem acordados, isto é, abrirem os olhos em uma direção que não exclui a concordância com o entendimento de outro homem, nenhum deles verá algo que não devesse, à luz de suas demonstrações, mostrar-se evidente e certo também a qualquer um dos outros, e os filósofos habitarão então um mundo comum, tal como os matemáticos já possuem há muito tempo, um acontecimento importante que já não pode demorar muito, na medida em que se possa confiar em certos sinais e premonições que apareceram há algum tempo sobre o horizonte das ciências. (KANT, 2005, p. 176-177).

Na citação acima, Kant ressalta a importância da fundamentação da metafísica, além do 'salvamento' dos filósofos racionalistas que continuam a caminhar entre conceitos incertos sem provas concretas, parecendo visionários que gozam de outro mundo e buscam passar esse suposto prazer àqueles que continuam com os pés no chão.

Para dar mais um passo em direção à aproximação do Schwedenberg com a metafísica, cito outra passagem que pode esclarecer o embaraço que a metafísica se encontra:

A filosofia, cuja presunção faz com que ela mesma se exponha a todo tipo de questões fúteis, vê-se freqüentemente em um sério embaraço por ocasião de certas histórias, diante das quais não pode *duvidar* de tudo impunemente, nem *crer-lhes* na íntegra sem, com isso, expor-se ao ridículo. (KANT, 2005, p. 190, grifo do autor).

É assim que nos *Sonhos* Kant irá tratar a conexão entre as teses metafísicas e as fantasias de Schwedenberg, do mesmo modo que a razão acredita poder alcançar o mundo invisível. Considerando a figura de Schwedenberg como o ser que poderia confirmar a existência do outro mundo, a metafísica dogmática deve, sendo este o único meio, se apoiar nele para que suas teorias possam obter uma prova *in concreto*; visto que somente ele poderia constatar a existência do mundo supra-sensível mediante suas histórias e o influxo que ele promove entre o visível e o invisível, passando informações àqueles que querem conhecer o outro mundo. Nas palavras de Kant:

[...] ou se deve supor nos escritos de Schwedenberg mais inteligência e verdade do que parece à primeira vista ou é apenas por acaso que ele concorda com meu sistema, do mesmo modo que às vezes poetas em delírio profetizam, como se acredita ou pelo menos como eles mesmos dizem, se de vez em quando estão de acordo com os acontecimentos. (2005, p. 199).

A utilização de Schwedenberg é importante do ponto de vista das provas das teses racionalistas, pois um ser que pode transportar ao sensível aquilo que contempla no mundo invisível é o único indivíduo capaz de confirmar as teorias metafísicas acerca da existência de seres supra-sensíveis. Porém, aceitar Schwedenberg é uma tarefa difícil para os metafísicos que Kant considera como dogmáticos, visto que ele é tido como louco; mas não aceitá-lo é descartar a única possibilidade da prova sensível para as teses racionalistas.

A investigação contida nos *Sonhos* apresenta o meio pelo qual busca-se conhecer os seres supra-sensíveis, porém, o próprio Kant salienta que tais seres são conhecidos por meio de inferências, ao contrário do que acontece com os objetos reais. Em outras palavras, para buscar aquilo que transcende seria necessário a utilização das estruturas espaço-temporal, que são utilizadas para intuir os objetos sensíveis. A utilização do espaço e tempo para abarcar os seres do universo supra-sensível e transportá-los para o campo sensível tornariam estes passíveis de conhecimento. Mas tal utilização arrasta o indivíduo à confusão daquilo que é real com o irreal, construindo quimeras e fantasias (como é o caso dos espíritos), pois o sujeito ao “intuir” os seres extra-sensíveis através do espaço e do tempo não consegue mais distinguir o que pode ou não conhecer.

Para compreender o ponto entre a passagem do supra-sensível para o sensível e o contágio daquilo que lá pode existir, juntamente com aquilo que aqui é posto como real e existente, pode-se tomar como base a distinção entre os *sonhos da razão* e os *sonhos da sensação*, que culmina na aproximação da metafísica com as fantasias de Schwedenberg.

Os sonhadores da razão estão no grupo daqueles filósofos que acreditam conhecer além da experiência, criando um mundo distinto que muitas vezes até negligencia a visão de outro filósofo. Os sonhadores da sensação se configuram no grupo dos que possuem uma visão mística que causa a ilusão dos sentidos com a aparência de verdade (quimeras), esse grupo é composto, segundo Kant, por loucos que possuem algum tipo de doença mental e afirmam ter a visão de espíritos. Dentro desse grupo encontra-se o *sonhador acordado* que por sua vez possui objetos que lhes são internos – como as quimeras – e objetos externos que pertencem ao campo sensível; porém, esses objetos dos sentidos são as transposições dos objetos internos para a sensibilidade. Ou seja, o sonhador acordado oscila entre o dormir e o estado de vigília chegando a se aprofundar demais em suas fantasias a ponto de dormir. Agora, a chave para compreensão está em diferenciar esses sonhadores acordados dos visionários que se aparentam àqueles sonhadores da razão.

Os visionários transportam suas quimeras para o campo sensível e acreditam que elas são verdadeiras, uma vez que eles a vêem em sua sensibilidade. Além disso, apreendem tais quimeras por meio do espaço e tempo que são instrumentos de intuição sensível (conforme será melhor explicado na *Dissertação de 1770*), ou seja, existe uma confusão entre sonho e realidade, entre verdade e fantasia, e assim Kant afirma:

Os conceitos educativos ou ainda uma série de ilusões, em geral introduzidas sub-repticiamente, teriam nisto sua participação, misturando-se deslumbramento com verdade, e embora se tenha como base uma sensação espiritual efetiva esta é transformada em silhuetas das coisas sensíveis. (KANT, 2005, p. 173-174).

Encontra-se aqui a razão de se impor limites para o conhecimento e propor critérios para aquilo que se pode conhecer, uma vez que a experiência será a base para as constatações daquilo que pode ser abarcado pelos sentidos dentro da forma espaço-temporal. Kant irá constatar que os visionários, assim como os metafísicos, utilizam o espaço e o tempo para abarcar seres que não se enquadram nessa forma. Esse seria o ponto da argumentação que justifica a necessidade da imposição de limites para o conhecimento, bem como a fundamentação da metafísica que se encontra em situação embaraçosa e desconfortável.

A experiência como limite para o conhecimento: os limites da razão⁷

Sabe-se que existe uma grande diferença entre dizer que viu e ver de fato, ou melhor, dizer que existe e confirmar a existência daquilo que é tido como realmente existente. Nesse sentido, Kant ressalta que muitas das coisas que são tomadas como evidentes não passam de pura aceitação, ou por ouvir falar delas sempre, ou por simplesmente acreditar no que outros dizem. Isso pode ser exemplificado com o conceito de espírito, que todos dizem saber o que é, mas ninguém sabe definir o que seja e ninguém pode provar que viu; todavia, continuam veementemente dizendo que já presenciaram uma aparição de espíritos ou outros seres da mesma espécie (agora, qual é a espécie que abarca os espíritos?).

Na segunda parte da obra (*Sonhos*), aquela intitulada como histórica, Kant oferece um exemplo que de tão simples parece motivo para depreciação:

Que minha vontade move o meu braço, não me é mais inteligível do que alguém dissesse poder também deter a lua em sua órbita, sendo esta a única diferença: daquilo tenho experiência, ao passo que isso nunca ocorreu em meus sentidos. (KANT, 2005, p. 214).

Com a citação fica exposto o ponto de vista kantiano acerca daquilo que é possível conhecer com certeza e aquilo que pode ser apenas pensado. Ou seja, somente pode-se conhecer aquilo que está no campo da sensibilidade, o que se encontra na experiência, as coisas que podem ser abarcadas por meio da estrutura cognitiva, coisas que estão no espaço e no tempo. Portanto, as quimeras que supostamente existem no mundo supra-sensível não podem ser abarcadas pelo sujeito, uma vez que este não possui uma intuição intelectual que permita abarcar tais seres.

Partindo desse ponto, pode-se dizer que a relação de Swedenberg com a metafísica esclarece os devaneios da razão e o conhecimento daquilo que não se pode conhecer, mas ao

⁷ Nesse capítulo, não apresentamos o argumento que poderia ser visto como principal dentro do contexto dos limites da razão e do contato da alma humana com o mundo dos espíritos. O argumento diz respeito ao “comércio” *psico-físico* (troca de informações) entre o mundo dos espíritos e o mundo sensível por meio da alma que se encontra no corpo do homem. Assim, o mundo espiritual teria um contato direto com o mundo sensível e vice-versa; além disso, se o mundo dos espíritos existisse de fato, seria muito natural que todos os seres dotados de alma tivessem acesso a ele – o que não é o caso. O mesmo contato da alma humana com o mundo dos espíritos permitira um contato telepático entre os seres racionais, uma vez ligados com o mundo espiritual por meio da alma. O argumento *psico-físico*, mesmo sendo relevante para o contexto dos limites da razão, poderia ser abordado em uma pesquisa que tivesse por objetivo estabelecer o conteúdo psicológico que os *Sonhos* carrega, algo realizado por David-Ménard na obra “A loucura na razão pura” (A leitura acerca do influxo *psico-físico* pode ser feita entre as páginas II 329 e II 334 da obra *Sonhos de um visionário*).

menos pode-se pressupor; porém, não é algo que seja possível de abarcar pela intuição espaço-temporal: o meio para conhecer os objetos que se apresentam.

Com efeito, uma razão sem limites cria e se ilude ao pretender alcançar o inteligível e não podendo explicar, de fato, aquilo que é objeto de sua especulação, acaba caindo em erro. Sabe-se que o conhecimento sensível possui seus limites, pois há critérios em que a experiência se baseia para proporcionar conhecimento. Por exemplo: não se ultrapassa o que é possível ter acesso somente pelos sentidos. Ao contrário, os metafísicos, através da razão livre, ultrapassam todo o tipo de barreiras e saltam ao mundo do somente pensável e acreditam dar conta de explicar a existência de entidades não captadas de modo sensível. Nesse contexto, Kant engendra a possibilidade de impor limites à razão, configurando até que ponto ela pode chegar, além de determinar seus conhecimentos e, nesse sentido, ele afirma:

Quando essa investigação, no entanto, resulta em filosofia que julga sobre o seu próprio procedimento e conhece não só os objetos, mas ainda sua relação com o entendimento do homem, então os limites são estreitados e são colocados os marcos que nunca mais deixarão a pesquisa extrapolar sua esfera própria. (2005, p. 212-213).

A investigação acerca de hipóteses de cunho supra-sensível, como espírito, Deus e liberdade resultam na extrapolação dos limites daquilo que se pode compreender, ultrapassando o próprio entendimento. É necessário, portanto, uma articulação entre a razão em seu labor especulativo e a razão prática, que se volta a si mesma, e busca abarcar o conhecimento dos princípios que regem o mundo sensível, limitando a razão em seu uso especulativo. Assim, o conhecimento irá se estabelecer de modo concreto com o labor do sujeito perante o objeto que lhe é dado e “filtrado” por suas capacidades cognitivas, fazendo com que o indivíduo possa conhecer aquilo que é passível de conhecimento e não simplesmente o que transcende.

Ademais, a razão humana não é suficientemente alada para que pudesse compartilhar nuvens tão elevadas, que subtraem a nossos olhos os segredos do outro mundo, e aos curiosos que dele pedem informação com tanta insistência pode-se dar a notícia simplista, mas muito natural, que o mais sensato é decerto ter *paciência até chegar lá*. (2005, p. 217, grifo do autor).

Pode-se perceber que “a razão não é suficientemente alada”, ela não pode transpor os limites do conhecimento sensível, mas é muito natural que ela peça informações do outro mundo pela própria curiosidade e também pela fraqueza do entendimento que não procura se limitar ao sensível.

No campo do conhecimento, Kant propõe o labor entre o entendimento e a experiência, a reunião de dois esforços que caminharam paralelamente e agora devem se unir para conceder ao sujeito a capacidade de conhecer com clareza os objetos que o cercam. Além disso, a razão possui a sua liberdade e tem como objetos Deus, alma e a própria liberdade, mas mesmo assim permanece presa em seus limites, uma vez que somente é possível comprovar a existência daquilo que ela almeja se aquilo que existe estiver no campo da experiência. Ou seja, Deus, alma e liberdade permanecem no campo transcendental não podendo ser abarcados pela razão especulativa – a razão de conhecimento.

Por fim, antes de concluir a investigação, encerro esse capítulo com a seguinte passagem retirada do final dos *Sonhos*:

Aqueles que, sem ter em mãos a prova a partir da experiência, quisessem ter inventado antes uma tal propriedade [dar razão a tudo mesmo com invenção de leis] teriam merecido com razão ser ridicularizados como loucos. Mas, como em tais casos as razões não tem a mínima relevância nem para descoberta nem para confirmação da possibilidade e impossibilidade, só se pode conceber às experiências o direito da decisão. (KANT, 2005, p. 215).

Beweisgrund, Sonhos e Crítica da razão pura: uma tentativa de aproximação

No *Beweisgrund* (O único argumento possível para uma demonstração da existência de Deus – 1763) é possível observar o ponto da crítica kantiana ao racionalismo do século XVIII tomando como preceito a prova ontológica da existência de Deus. Isso aponta pelo menos duas coisas: a razão só abarca a possibilidade de algo existir ou não, ou seja, ela dá conta das essências das coisas. Outro ponto é que se algo existe, ele deve estar em um espaço, uma vez que a existência é a *posição absoluta* das coisas. Nesse sentido, há no *Beweisgrund* uma crítica e uma limitação daquilo que pode-se conhecer, lembrando que essa tarefa é conduzida por Kant ao longo do período pré-crítico até o ponto em que ele define o espaço e tempo como formas da intuição sensível pertencentes ao sujeito cognoscente.

Diante disso, Kant argumenta logo no prefácio do *Beweisgrund* que para atingir o objetivo acerca da prova da existência de Deus e, com isso, esclarecer outros pontos, por exemplo, a própria existência dos seres, ele diz:

Mas, para alcançar esse fim, é preciso explorar os abismos sem fundo da metafísica, mergulhar no oceano sem margem e sem faróis sobre o qual apenas podemos nos aventurar com a condição de proceder como um marinheiro que afronta um mar desconhecido. Este, assim que encontre alguma terra firme, revê o caminho que percorreu; o examina se, malgrado todas as precauções que puderam lhe ditar a arte de navegar, as correntes

não teriam sem que ele se desse conta mudado a sua marcha⁸. (1973, p. 72, tradução nossa).

Nessa passagem, Kant utiliza metáforas marinhas para apresentar a metafísica. Assim, compreende-se que a metafísica é ainda um terreno vasto e inexplorado, como um oceano imenso sem que se possa enxergar seus limites (margens). Nesse sentido, aquele que se encontra no campo da metafísica deve estabelecer claramente os conceitos e as provas, procurando rever sempre o caminho percorrido, buscando uma base firme que possibilite a construção das teses; em outras palavras, a metafísica que busca se estabelecer como ciência deve, em algum momento, ter algo *in concreto*, exposto no sensível, comprovado na experiência.

É possível perceber, pela citação acima, que no *Beweisgrund*, Kant já articulava a possibilidade de pressupor limites à razão e é assim que ele chega aos *Sonhos*, afirmando que a razão não pode transpor os limites do sensível para atingir o mundo do supra-sensível, mas é natural que de lá ela peça informações. Assim, pode-se aproximar esse contexto com a passagem da *Dialética Transcendental* da *Crítica da razão pura*, ponto em que Kant ressalta a curiosidade do entendimento em buscar conhecer o outro mundo (não sensível) dotado de suas categorias que devem ser aplicadas ao conhecimento do sensível (uso empírico do entendimento). O desejo do entendimento em ampliar seus conhecimentos para além do campo da experiência o coloca em contato com ‘fantasmagorias’ que culmina na ilusão transcendental. Ao mesmo tempo, a razão na busca pela determinação das coisas em si mesmas também cai em ilusão, mas, segundo Kant, uma ilusão sadia, inevitável e natural (1983, p. 178-179 [B354]).

Na passagem abaixo, retirada da *Crítica*⁹, a metáfora marinha está novamente presente e parece dizer a mesma coisa: a metafísica é um campo vasto que deve possuir os seus limites.

Agora não somente percorremos o domínio do entendimento puro, examinando cuidadosamente cada parte dele, mas também o medimos e determinamos o lugar de cada coisa nele. Este domínio, porém, é uma ilha fechada pela natureza mesma dentro de limites imutáveis. É a terra da verdade (um nome sedutor), circundada por um vasto e tempestuoso oceano, que é a verdadeira sede da ilusão, onde o nevoeiro espesso e muito

8 Mais, pour atteindre ce but, il faut explorer les abîmes sans fond de la métaphysique, somber ocean sans rivages et sans phares sur lequel on ne peut s’aventurer qu’à la condition de procéder comme le marin qui affronte une mer inconnue. Celui-ci, aussitôt qu’il a parcouru; il examine si, malgré toutes les précautions qu’a pu lui decter l’art du navigateur, des courants n’auraient pás à son insu égaré sa marche.

⁹ Seção Terceira da Doutrina Transcendental da Capacidade de Julgar (ou Analítica dos Princípios).

gelo, em ponto de liquefazer-se dão a falsa impressão de novas terras e, enquanto enganam com vãs esperanças o navegador errante a procura de novas descobertas, envolvem-no em aventuras, das quais não poderá jamais desistir e tão pouco levá-las a termo. Entretanto, antes de arriscarmo-nos a esse mar para explorá-lo em toda a sua amplidão, e de assegurarmo-nos se se pode esperar encontrar aí alguma coisa, será útil lançar ainda antes um olhar sobre o mapa da terra que precisamente queremos deixar, para perguntar, primeiro, se não poderíamos porventura contentar-nos com o que ela contém, ou também se não teríamos que contentar-nos com isso e por necessidade, no caso em que em parte alguma fosse encontrado um terreno sobre o qual pudéssemos edificar; segundo, sob que título possuímos esta terra e podemos considerar-nos assegurados contra todas as pretensões hostis. (KANT, 1983, p. 154 [B295]).

A passagem não será analisada, uma vez que o conteúdo dela é análogo à citação anterior, expressando que a metafísica precisa ser melhor fundamentada para atingir o estatuto de ciência. Porém, vale ressaltar que a Faculdade do Entendimento possui a curiosidade de atingir o outro mundo e por sua fraqueza em distinguir o que pode ou não conhecer ultrapassa seus limites, fazendo com que caia por si mesma em ilusão e, aos poucos, retorne ao puro conhecimento do verdadeiro e real.

Para finalizar, cito a passagem dos *Sonhos* que diz respeito à fraqueza do entendimento, corroborando a possibilidade da articulação entre o *Beweisgrund*, *Sonhos* e *Crítica*.

A fraqueza do entendimento humano em ligação com sua curiosidade faz com que se juntem inicialmente verdade e mentira sem distinção, mas pouco a pouco os conceitos são depurados, uma pequena parte permanece, o resto é jogado fora como lixo. (KANT, 2005, p. 195).

Conclusão

Para apontar os *Sonhos* como um escrito de cunho crítico e talvez como um escrito de virada crítica, deve-se ter como base três pontos básicos, a saber: a consciência da existência de dois mundos sensível e supra-sensível; os limites da razão e a caracterização do espaço e tempo como meios para se abarcar aquilo que é possível conhecer; esses três pontos desembocam na *Dissertação de 1770* e também na *Crítica*.

Tendo isso em mente podemos retomar o escrito de 1766, e perceber quais os temas ali tratados e remetê-los aos temas que serão abordados nas duas obras posteriores. Já é sabido que a distinção entre mundo sensível e mundo inteligível é a base da argumentação da “*Dissertação de 1770*”, além de espaço e tempo serem caracterizados como formas puras da

intuição sensível do mesmo modo como encontramos na *Crítica*. Nesse sentido, já pressupomos que os *Sonhos* é um escrito que poderia adiantar a argumentação acerca do espaço e tempo, bem como a existência de dois mundos distintos, considerando a abordagem da obra tal qual propusemos nessa investigação.

Para não perder o fio condutor dessa conclusão, retomemos o ponto chave do escrito de 1766 em relação à caracterização espaço-temporal. Lá, os visionários abarcavam seus objetos que transcendiam o mundo sensível por meio do espaço e tempo, uma vez que toda a descrição deles era possível colocando-os dentro das características espaço-temporal. Além disso, os visionários caíam em confusão ao utilizar espaço e tempo para abarcar coisas do mundo supra-sensível, uma vez que estes são instrumentos da intuição sensível. Assim, parece que é em 1766 que Kant se dá conta de que espaço e tempo são responsáveis por aquilo que se pode conhecer, além de perceber que é o sujeito que possui as formas espaço-temporal.

Com efeito, os *Sonhos* possivelmente podem ser caracterizados como um escrito que se encaixa no contexto crítico se considerarmos o tema que concerne ao espaço e tempo e a distinção dos dois mundos; além dos limites da razão que configura de vez a obra com a possibilidade de ser caracterizada como o marco da virada crítica. Só há uma coisa a dizer acerca dos limites do conhecimento humano com relação ao escrito de 1766 desembocando na *Crítica*: tudo aquilo que se quer conhecer está no campo sensível – na experiência – e isso já foi apontado no *Beweisgrund* e agora nos *Sonhos*, pois, quimeras são fantasias que transpostas para o campo sensível não passam de ilusões. Ou seja, se não está no espaço e no tempo e muito menos visível por todos não é possível de ser conhecido, e se alguém afirmar que vê e acredita ser verdadeiro é porque, segundo o próprio Kant, está comedido por alguma doença mental, em outras palavras, é um louco.

Referências bibliográficas

CAMPO, M. *La genesi del criticismo kantiano*. Varese: Editrice Magenta, 1953.

CAPALBO, C. O conceito de grandezas negativas em Kant e a sobrevivência da filosofia. *Revista Brasileira de Filosofia*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 96, p. 401-406, out./dez. 1974.

CASSIRER, E. *Kant, vida y doctrina*. México: Fondo de Cultura Económica, 1948.

DAVID-MÉNARD, M. *A loucura na razão pura: Kant leitor de Swedenborg*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

GIROTTI, M.T. A juventude kantiana e a virada crítica. *Revista de Iniciação Científica da FFC*. Marília, v. 7, n. 3, p. 258-273, 2007. Disponível em: <http://www.portalppgci.marilia.unesp.br/ric/viewarticle.php?id=121&layout=abstract> . Acesso em: 05 de mar. 2009.

_____. Kant e o criticismo da década de 1760. *Filogênese*. Marília, v. 1, n. 1, p. 113-125, 2008. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE//Marcio%20Tadeu%20Girotti%20-%20113-125.pdf> > Acesso em: 05 de mar. 2009.

_____. Kant e as 'Grandezas Negativas': uma crítica ao racionalismo dogmático e a oposição real como possibilidade da existência do simples possível. *Revista de Iniciação Científica da FFC*. Marília, v. 8, n. 3, p. 274-288, 2008. Disponível em: <http://www.portalppgci.marilia.unesp.br/ric/viewarticle.php?id=161&layout=abstract> . Acesso em: 05 de mar. 2009.

KANT, I. *L'unique fondement possible d'une démonstration de l'existence de dieu*. Paris: Vrin, 1973.

_____. *Crítica da razão pura*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores, Kant I).

_____. Acerca da forma e dos princípios do mundo sensível e inteligível. In: SANTOS, L. R. dos.; MARQUES, A. *Dissertação de 1770 seguida de Carta a Marcus Herz*. 2. ed. Lisboa: Casa da Moeda, 2004. p. 23-105.

_____. Ensaio para introduzir a noção de grandezas negativas em filosofia. In: _____. *Escritos pré-críticos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005. p. 51-100.

_____. Sonhos de um visionário explicados por sonhos da metafísica. In: _____. *Escritos pré-críticos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005. p. 141-218.

LOMBARDI, F. *La filosofia crítica: la formazione del problema kantiano*. Tumminelli: Libreria dell'Universita' di Roma, 1946. V. 1.

PEREZ, D. O. *Kant pré-crítico: a desventura filosófica da pergunta*. Cascavel: Edunioeste, 1998.

_____. *A predicação do ser. A análise kantiana no período pré-crítico: uma aproximação lógico-semântica do texto Principiorum Primorum Cognitionis Metaphysicae Nova Dilucidatio*. *Modernos e Contemporâneos*, Campinas, v. 1, p. 149-184, 2000.

_____. El análisis del concepto de espíritu entre la filosofía y la literatura. Swedenborg entre Kant y Borges. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Disponível em:

www.pucp.edu.pe/eventos/congressos/filosofia/programa_general/miercoles/sesion_15_16.30/PerezDaniel.pdf>. Acesso em: 16 de fev. 2008.

PHILONENKO, A. *L'oeuvre de Kant*. 3. ed. Paris: Vrin, 1983. T. 1.

PONS, J. C. Kant : assaig per introduir en filosofia el concepte de magnitud negativa i Somnis d'un visionari explicats per somnis de la metafísica (comentari). *Enrahonar*, Barcelona, n. 4, p. 37-45, 1982.

TORRETTI, R. *Manuel Kant* : estudo sobre los fundamentos de la filosofía crítica. 2. ed. Buenos Aires: Editorial Charcas, 1980.

Artigo recebido em 31/07/2009
Aceito em 15/10/2009